

ANTÔNIO FREDERICO DE CASTRO ALVES

POETA BRASILEIRO

Luiz Antonio Batista da Rocha

Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos Auditor Ambiental

rocha@outorga.com.br www.outorga.com.br



Antônio Frederico de Castro Alves

* 14/03/1847 + 06 /07 /1871, Salvador (BA)

Considerado um dos mais brilhantes poetas românticos brasileiros é chamado de "cantor dos escravos" pelo seu entusiasmo diante das grandes causas da liberdade e da justiça - a Independência na Bahia, a insurreição dos negros de Palmares, o papel da imprensa, e acima de tudo isso a luta contra a escravidão.

Nasceu na fazenda Cabaceiras, próxima à vila de Currealinho, hoje cidade de Castro Alves, no Estado da Bahia.

Era filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando ele tinha apenas 12 anos.

Por volta de 1853, mudou-se com a família para Salvador e lá estudou no colégio de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, onde foi colega de Rui Barbosa. Ainda adolescente, já demonstrava vocação para a poesia.

Aos dezesseis anos foi para o Recife e começou os preparatórios para se habilitar à matrícula na Academia de Direito. Mas achando a cidade insípida, dedicou-se à boêmia e aos amores.

O resultado dessa vadiagem foi a reprovação no exame de geometria.

Em 1864, porém, conseguiu matricular-se no Curso Jurídico. Participou ativamente da vida estudantil e literária, sendo notado como poeta e orador, o que mais tarde ira torná-lo um dos arautos do movimento abolicionista e da causa republicana.

Em 1862 escreveu o poema "A Destruição de Jerusalém",

Em 1863 "Pesadelo", "Meu Segredo" (já inspirado pela atriz Eugênia Câmara), "Cansaço", "Noite de Amor", "A Canção do Africano" e outros.

Em 1864, o poema "Mocidade e Morte" demonstra a maturidade do poeta.

Em 1867, quase na metade do curso de direito, Castro Alves, apaixonado pela atriz portuguesa Eugênia Câmara (dez anos mais velha do que ele), parte com ela para uma temporada na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Na Bahia, ela representa um drama em prosa escrito por ele:

"O Gonzaga ou a Revolução de Minas". Na passagem pelo Rio, Castro Alves conheceu Machado de Assis, que o introduziu nos meios literários.

Em São Paulo, cursou o terceiro ano da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, mas nas férias do fim de 1868, feriu-se no pé direito com um tiro acidental de espingarda, por ocasião de uma caçada.

Disso resultou longa enfermidade, várias intervenções cirúrgicas e finalmente a amputação do pé. Antes de regressar à sua terra natal, publicou, em 1870, o livro "Espumas Flutuantes".

Foi vitimado pela tuberculose um ano mais tarde. Castro Alves é o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

Suas principais obras são: "Espumas Flutuantes", "A Cachoeira de Paulo Afonso" e o drama já mencionado "Gonzaga ou a Revolução de Minas".

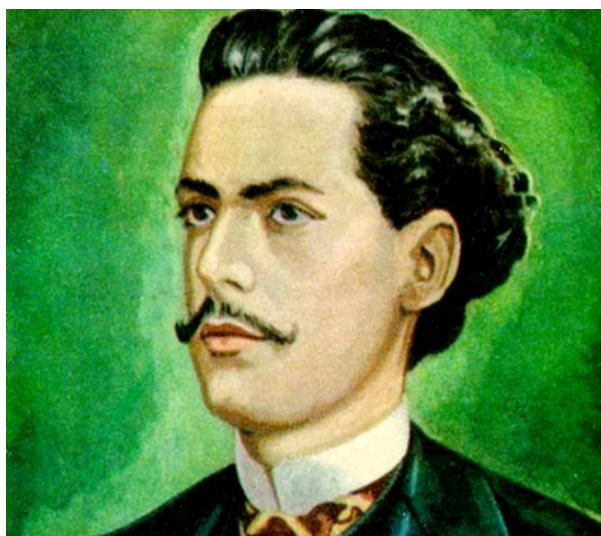
"Os Escravos" pertencem os dois poemas mais representativos de sua obra - "Vozes d'África" e "O Navio Negreiro".



Castro Alves um dos mais brilhantes poetas românticos brasileiros

fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u199.jhtm>

Canção do Violeiro



Letra: Castro Alves – Música: Luiz Antonio Batista da Rocha

Arranjo: Gabriel Alves Gonçalves - Interpretação: Jayminho Lima

Ouçã a música: <http://www.outorga.com.br/musicas/Canção%20do%20Violeiro.mp3>

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro.
Meu coração 'stá deserto,
'Stá deserto o mundo inteiro.
Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Ela foi-se ao pôr da tarde
Como as gaiotas do rio.
Como os orvalhos que descem
Da noite num beijo frio,
O cauã canta bem triste,
Mais triste é meu coração.

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão

E eu disse: a senhora volta
Com as flores da sapucaia.
Veio o tempo, trouxe as flores,
Foi o tempo, a flor desmaia.
Colhereira, que além voas,
Onde está meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,
Não quero mais esta terra.
Vou procurá-la bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
Que vale ter coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Antologia



- [||Hino ao Sono](#)
- [||Aves de Arribação](#)
- [||Dedicatória](#)
- [||O Livro e a América](#)
- [||Boa-Noite](#)
- [||Versos de um Viajante](#)
- [||A Boa Vista](#)
- [||Canção do Boêmio](#)
- [||É Tarde!](#)
- [||Quando eu Morrer](#)
- [||Coup D'Étrier](#)
- [||A Visão dos Mortos](#)
- [||A Cruz da Estrada](#)
- [||Saudação a Palmares](#)
- [||Murmúrios da Tarde](#)
- [||Adormecida](#)
- [||A Queimada](#)
- [||O Navio Negreiro](#)
- [||Crepúsculo Sertanejo](#)
- [||Vozes D'África](#)
- [||Mocidade e Morte](#)
- [||Hebréia](#)
- [||Ahasverus e o Gênio](#)
- [||Sub Tegmine Fagi](#)
- [||Ode ao Dous de Julho](#)
- [||O "Adeus" de Teresa](#)
- [||O Gondoleiro do Amor](#)
- [||Os Anjos da Meia-Noite](#)
- [||O Hóspede](#)
- [||Tirana](#)



*MEMÓRIAS PÓSTUMAS
DE CASTRO ALVES*

(anotadas por Antônio Carlos Secchin)

[Nascimento e infância](#)

[A escola e os primeiros poemas](#)

[Mudança para o Recife](#)

[O primeiro sucesso e a vocação para a poesia social](#)

[O amor de Eugênia Câmara e as brigas com Tobias Barreto](#)

[A temporada na Bahia e o sucesso de *Gonzaga*](#)

[A passagem pelo Rio e a consagração em São Paulo](#)

[A separação de Eugênia Câmara, o acidente e o retorno à Bahia](#)

[A morte e herança de Castro Alves](#)

Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br/CastroAlves/index.html>

Cronologia

1847

Nasce, a 14 de março, na fazenda Cabaceiras, próxima a Curralinho, atual Castro Alves, filho do dr. Antônio José Alves e d. Clélia Brasília da Silva Castro.



Sede da fazenda Cabaceiras

Clélia Brasília da Silva Castro

Antônio José Alves

1852

Transfere-se com a família para Muritiba e depois para São Félix, onde recebe as primeiras letras.

1854

Muda-se com a família para Salvador, na rua do Rosário, nº 1, sobrado onde ocorrera o assassinato de Júlia Feital, o célebre crime da bala de ouro.



1855

Muda-se para a rua do Paço, em Salvador.

1856

Estuda no Colégio Sebrão.

1858

Passa a estudar no Ginásio Baiano, de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas. Passa a residir no Solar da Boa Vista.



Ginásio Baiano



Barão de Macaúbas



Solar da Boa Vista

1859

Falecimento da mãe, d. Clélia de Castro Alves.



1860

Recita, a 9 de setembro, as suas primeiras poesias no Ginásio Baiano.

1861

Declama, a 3 de julho, o seu primeiro poema dedicado ao 2 de julho, ainda no Ginásio Baiano.

1862

Casamento do pai, dr. Antônio José Alves, com a viúva Maria Ramos Guimarães. Transfere-se para o Recife com o irmão mais velho, José Antônio. A 23 de junho publica, no *Jornal do Recife*, "Destruição de Jerusalém" .



1863

Tenta, sem êxito, em março, matricular-se na Faculdade de Direito do Recife. Estréia de Eugênia Câmara no Teatro Santa Isabel. Sofre uma **hemoptise** (expectoração de sangue proveniente dos pulmões, traquéia e brônquios, mais comumente observável na **tuberculose pulmonar**) e publica seus primeiros versos abolicionistas. Seu irmão **José Antônio**, com sintomas de desequilíbrio mental, é transferido para o Rio de Janeiro.



1864

Suicídio de **José Antônio**, em Currálinho. Matricula-se no primeiro ano do curso jurídico e redige com colegas o jornal *O Futuro*. Escreve "Mocidade e Morte", com o título primitivo de "O Tísico". Volta para a Bahia em outubro, interrompendo o curso.

1865

Retorna, em março, ao Recife, em companhia de Fagundes Varela. A 11 de agosto, na data comemorativa da abertura dos cursos jurídicos declama "O século". Passa a residir na rua do Lima, em companhia de Idalina, onde escreve diversos poemas de *Os escravos*.

Alista-se no Batalhão Acadêmico de Voluntários para a Guerra do Paraguai, a 19 de agosto. Em dezembro desembarca na Bahia, em companhia de Fagundes Varela.



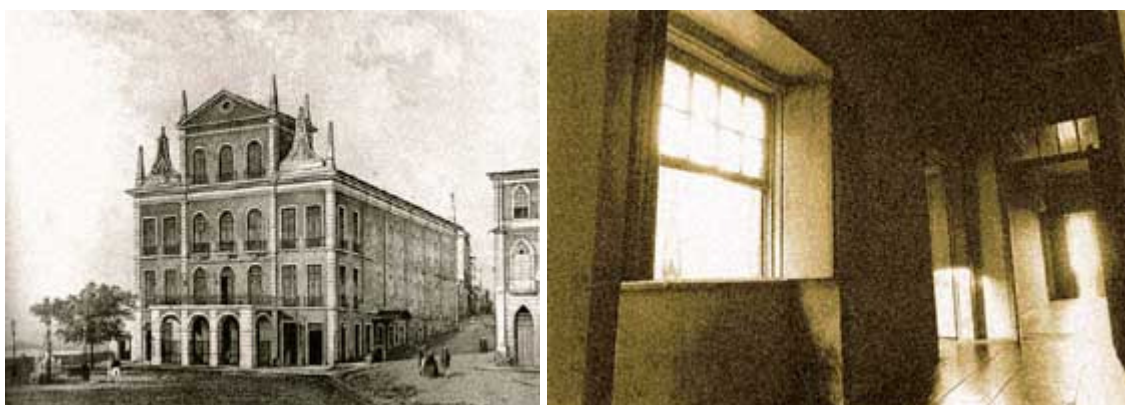
1866

Falecimento do pai, a 23 de janeiro. De volta ao Recife, matricula-se no segundo ano do curso jurídico. Funda uma sociedade abolicionista com Rui Barbosa e outros colegas. Lança o jornal *A Luz*. Polemiza pela imprensa com Tobias Barreto. Em 7 de setembro, no Teatro Santa Isabel, recita "Pedro Ivo". Torna-se amante de Eugênia Câmara.



1867

Vive com Eugênia Câmara no povoado do Barro, onde conclui o drama *Gonzaga*. Em maio retorna com ela para a Bahia. Em 7 de setembro o *Gonzaga* estreia no Teatro São João, com grande sucesso. Em outubro volta a residir na Boa Vista.

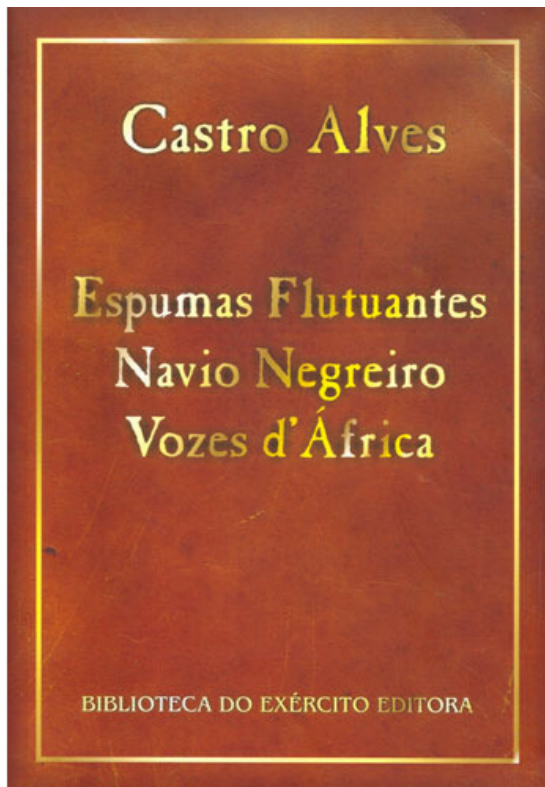


1868

Viaja, a 8 de fevereiro, para o Rio de Janeiro, sempre em companhia de Eugênia Câmara.

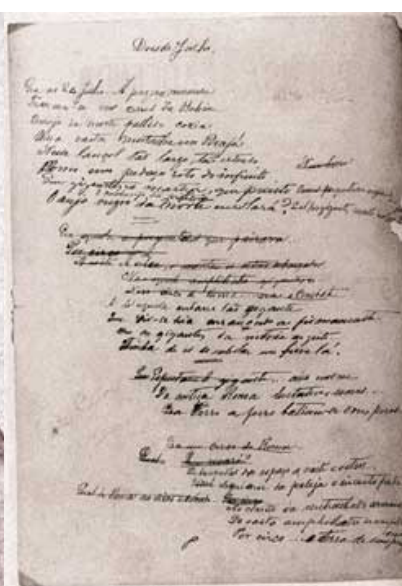
É recebido por José de Alencar e Machado de Assis. A 11 de março parte para São Paulo. Declama a "Ode ao Dous de Julho", no Teatro São José, com grande consagração.

Em 7 de setembro recita "O navio negreiro", também triunfalmente.



Estréia do *Gonzaga*, a 25 de outubro, no mesmo teatro. Desentendimentos seguidos de separação com Eugênia Câmara.

A 11 de novembro, durante uma caçada no Brás, a espingarda dispara acidentalmente, alojando-se toda a carga no calcanhar esquerdo do poeta.



1869

Matricula-se no quarto ano jurídico, começando a sofrer de enfraquecimento pulmonar. Chega ao Rio de Janeiro, profundamente combalido, a 21 de maio. Hospeda-se na casa de seu amigo Luís Cornélio dos Santos, onde tem o pé amputado, a frio, no mês de junho.

Último encontro com Eugênia Câmara, no Teatro Fênix Dramática, a 31 de outubro. Embarca para a Bahia a 25 de novembro.

1870

Segue, a conselho médico, para Currálinho, e depois para a fazenda Santa Isabel, em Orobó, onde termina *A Cachoeira de Paulo Afonso*. Volta em setembro para Salvador, onde, no mês seguinte, lança as *Espumas Flutuantes*.



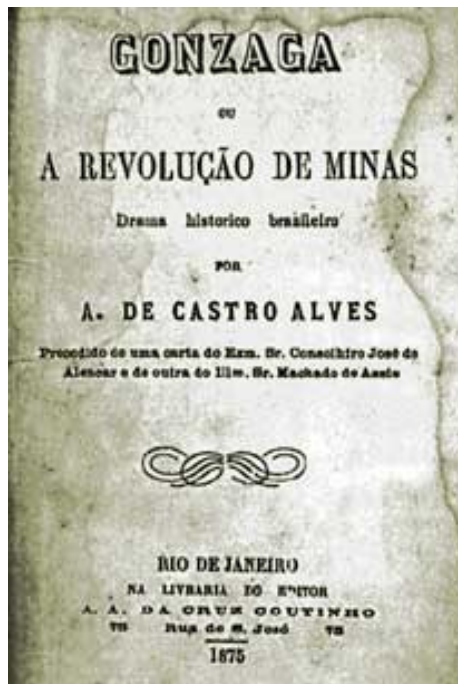
1871

Apaixona-se pela cantora italiana Agnèse Trinci Murri. Recita pela última vez, a 10 de fevereiro, na Associação Comercial, em benefício das crianças francesas vítimas da Guerra Franco-Prussiana. Seu estado de saúde agrava-se após a noite de São João. Expira às três e meia da tarde do dia 6 de julho, no Palacete do Sodré, junto a uma janela banhada pelo sol.



1875

Publicação de *Gonzaga*



1876

Publicação de *A Cachoeira de Paulo Afonso*



1880

Publicação de *Os escravos*

Fonte: <http://www.projeto memoria.art.br/CastroAlves/index.html>

Bibliografia

De Castro Alves

ALVES, Antônio de Castro. *Obra Completa*. 3ª reimp. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

Os melhores poemas. 2ª ed., São Paulo: Global, 1985.

Poesia. 6ª ed., Rio de Janeiro: Agir, 1980.

Sobre Castro Alves

CALMON, Pedro. *Castro Alves, o homem e a obra*. 3ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

HORCH, Hans J. *Bibliografia de Castro Alves*. Rio de Janeiro: INL, 1960.

MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1924.

PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves, o poeta e o poema*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Jackson, 1944.

Fonte: <http://www.projeto memoria.art.br/CastroAlves/index.html>



Obras Completas

[Obras Completas - Jornal de Poesia](#)

www.secrel.com.br/jpoesia/calves.html

Oferece as obras completas de Castro Alves, além de biografia e de textos sobre o escritor e seu tempo.

[Antônio Castro Alves - 150 anos](#)

www.geocities.com/SoHo/5941

Apresenta o perfil do poeta por Afrânio Peixoto, Manuel Bandeira e Euclides da Cunha. Contém algumas poesias e fotografias de Castro Alves.

[Castro Alves - Paixão e Vida](#)

www.quasar.com.br/CAIves

Traz comentários sobre a obra de Castro Alves, fotografias e seleção de poesias.

[Castro Alves](#)

www.academia.org.br/cads/7/castro.htm

No site da Academia Brasileira de Letras, a biografia do patrono da cadeira nº 7

[Castro Alves, o poeta da resistência](#)

www.sinpro-rs.org.br/extra/nov97/cultu2.htm

Texto sobre a vida do poeta e os principais acontecimentos que influenciaram a sua obra.

[Um Canto à Liberdade](#)

www.brasil.terravista.pt/albufeira/1822/index.htm

Texto integral de O Navio Negreiro e Espumas Flutuantes para download.

[Vidas Lusofonas - Castro Alves](#)

www.vidaslusofonas.pt/castro_alves.htm

Contém a biografia do poeta escrita por Fernando Correia da Silva.

Fonte: <http://www.projetomemoria.art.br/CastroAlves/index.html>

Porém vinda um conselho...
Fede a língua um espelho...
Mira teu rosto... e ves
Um ó'ípus quairos das bellos
Que - homens não sabem fazer...
Que - Deus apim Deus não faz.

Na Tua boca formosa
Vnás uma linda rosa
Mim fechada a sorrir,
E, como gotas nitentes,
As perolas de tus dentes
No seio da flor luzir.

Queres flores? Queres cantos?
Como hei de dar-l'os se prontos
Se tenho no peito meu?!
Queres luzes e harmonias?..
Debalde... si' agonias
Meu alaude gemer...

Donzella! Fora loucura
Pedir ao Tufão Doçura,
Ao morto alegre canção,
Buscar a flor dos kiosques
Entre os cyprantes, os laques
Que ensombram fumeroo chão

Opuffume do Oriente
- Quando regas innocente -
Te embala nos labios Teus.
Eno teu seio, se tremes,
Tens a Poesia, se gemes,
Tens a harmonia Dos céos.

Queres ver o Paraizo?
Descerra os labios... Um riso
Vem nos o Eden mostrar...
Canta!.. E aos hymnos sagrados
Vnás no lio detruçados
Os astros pra Te escutar.
Marco ant. C.

Tens a noite nas madrugas
Onde a briga em ternas queixas
Gemem... more de languor,
Lão ml. que os astros-brilhantes
Os teus olhos fascinantes,
- Lindas estrophes de amor...

E ainda pedes-me um canto?!
Quebra a lyra o Bardo sancto
Ao ver um sorriso Teu...
Nasga a Tello Naphiael.
Phedias etala o cingel.
Deus. tremte de amor me C.

Antonio de Castro Alves

O NAVIO NEGREIRO

Declamação: Luiz Lotfallah Miziara
Música de fundo do clipe: Bachianas Brasileiras nº 2
Prelúdio, Ária e Dança - Heitor Villa-Lobos

Veja clipe no link: <http://www.outorga.com.br/Navio%20Negreiro.wmv>

TRAGÉDIA NO MAR

1a.



'Stamos em pleno mar... Doudo¹ no espaço
Brinca o luar — **doirada borboleta** —



E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...



O mar em troca acende as ardentias²
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano



Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,



Veleiro **brigue**³ corre à flor dos mares
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?



Neste Saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

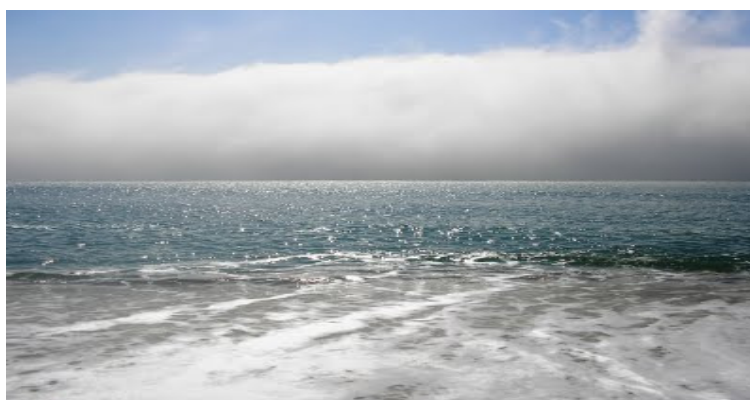
Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!...



Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...

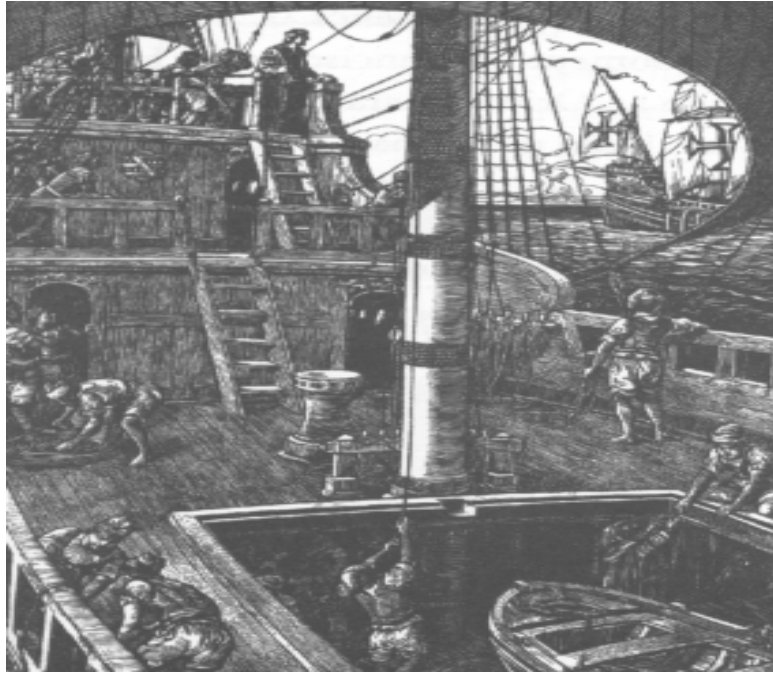
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!



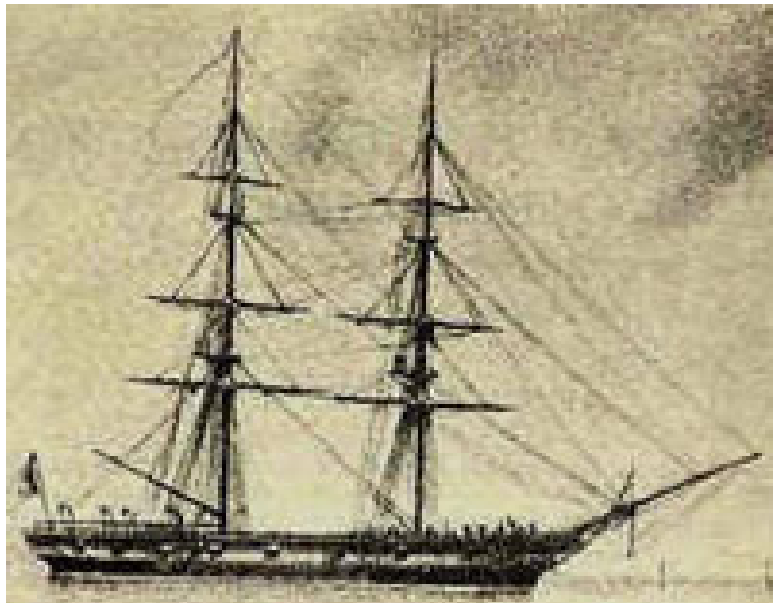
Meu Deus! Como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros
Tostados pelo sol dos quatro mundos!



Crianças que a **procela**⁴ acalentara
No berço destes **pélagos**⁵ profundos!

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, **livre** poesia...



Orquestra — é o mar que ruge pela proa,
E o vento que nas cordas assobia...

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?



Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as **gazes**⁶,



Sacode as penas, Leviatã do espaço!
Albatroz! Albatroz! dá-me estas...

2a.

Que importa **do** nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?...
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! **que a noite** é divina!
Resvala o **brigue**³ à **bolina**⁷



Como um golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena⁸
Saudosa bandeira acena
Às vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de languor,

Dicionário Houaissdoudo

1. **doudo** - doido
2. **ardentias** - brilho, fosforescência, cintilação de cores m.q. *FOSFORESCÊNCIA-DO-MAR*
3. **brigue** - navio de dois mastros com velas redondas e cestos de gávea e tb. uma vela latina no mastro de ré.
4. **procela** - forte tempestade no mar com vento intenso e grandes ondas; tormenta, borrasca, temporal.
5. **pélago** - abismo oceânico; pego
6. **gaza** – gaze – fazenda fina –



Lembram as moças morenas,
As **andaluzas** em flor.

Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente
— Terra de amor e traição —
Ou do golfo no regaço



Scuola emiliana, *Ritratto di Torquato Tasso*, olio su tela,
XVI sec.

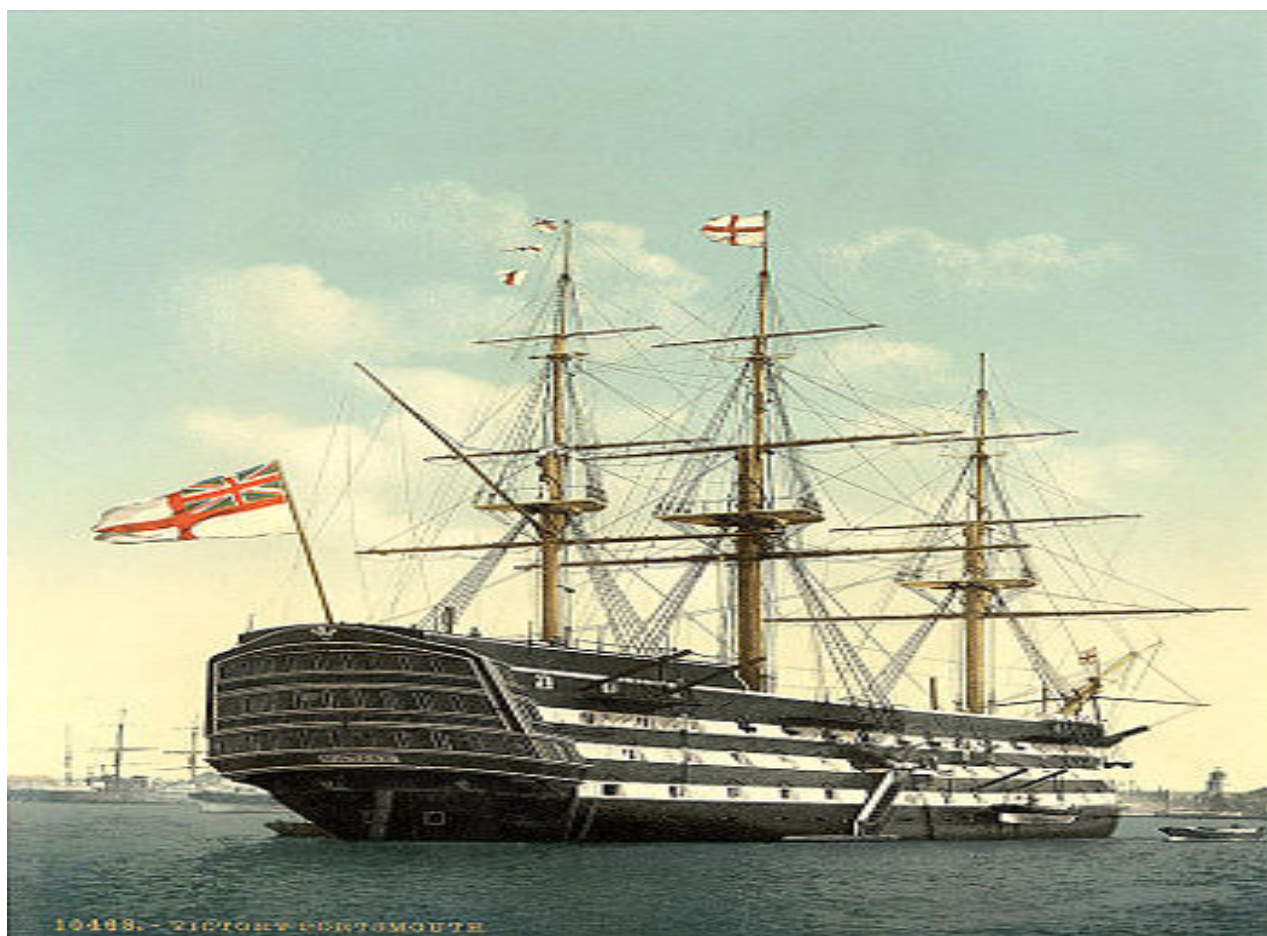
** Torquato Tasso*

(Sorrento, 11 de março de 1544 — Roma, 25 de abril de 1595)

Relembra os versos do **Tasso***
Junto às lavas do Vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou —

(Porque a **Inglaterra** é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),



Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando orgulhoso histórias
De * Nelson e de Aboukir.



Almirante Villeneuve

Batalha de Trafalgar

** Almirante Nelson*

A **Batalha de Trafalgar** foi uma batalha naval que ocorreu entre a França e Espanha contra a Inglaterra, em 21 de outubro de 1805, na era napoleônica, ao largo do cabo de Trafalgar, na costa espanhola.

A esquadra franco-espanhola era comandada pelo **almirante Villeneuve**, enquanto que a inglesa era comandada pelo **almirante Nelson**, para muitos o maior gênio em estratégia naval que já existiu.

O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir...

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga iônica criou,
Belos piratas morenos



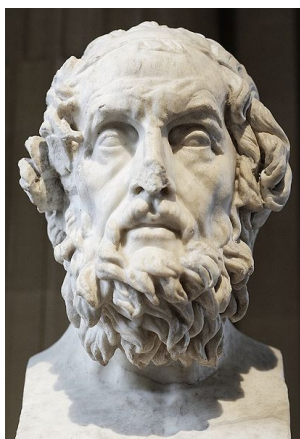
*Odisseu ou Ulisses (em latim: * Ulysses ou Ulixes)
foi, nas mitologias grega e romana um personagem da *Ilíada* e da *Odisséia*, de Homero.
É a personagem principal dessa última obra, e uma figura à parte na narrativa da *Guerra de Tróia**

Do mar que * **Ulisses** cortou,
Homens que ****Fídias** talhara,



**** Fídias exibindo o friso do Partenon**
Escultor grego - * 490 a.C. Olímpia – + 430 a.C
*representação artística do escultor grego Fídias, em obra (1868)
do pintor neerlandês Lawrence Alma-Tadema (1836-1912).*

Vão cantando em noite clara
Versos que ***Homero gemeu...



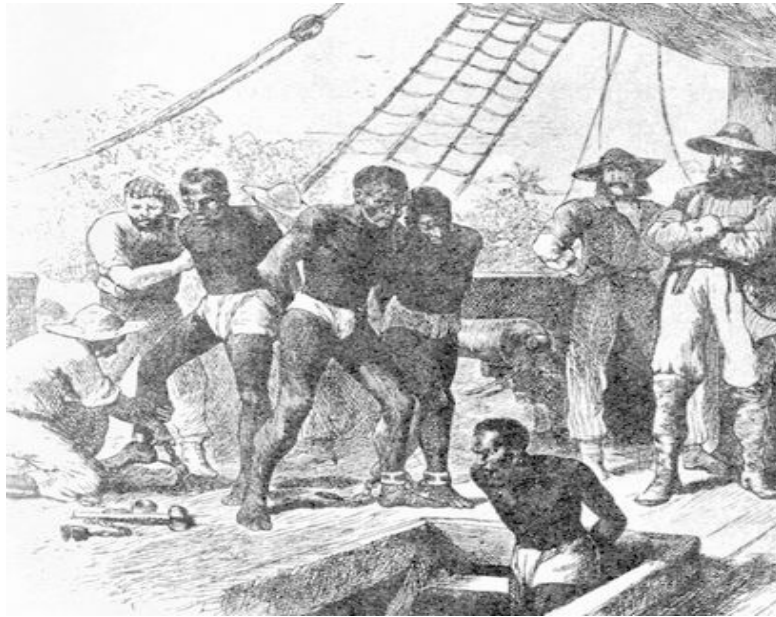
*** *Homero – poeta grego – século VII AC*

... Nautas de todas as plagas⁹!
Vós sabeis achar nas vagas¹⁰
As melodias do céu...

7. **bolina** - cada um dos cabos de sustentação das velas, destinados a orientá-las, de modo a receberem o vento obliquamente.
8. **mezena** - vela latina quadrangular que se enverga no mastro da mezena
9. **plaga** – região, país
10. **vaga** - cada uma das compridas elevações da superfície de oceano ou mar, que se propagam em sucessão umas às outras, produzidas, em geral, pela ação do vento.
11. **tétrico** – que causa horror, horrível, medonho
12. **dantesco** - próprio do estilo ou das cenas do Inferno de Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano [Primeiro dos três poemas que compõem a Divina Comédia, caracterizado por uma descrição angustiante e terrível dos suplícios infernais.
13. **luzerna** - luz muito intensa; clarão

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais, inda mais... não pode o **olhar** humano
Como o teu mergulhar no **brigue**³ voador.

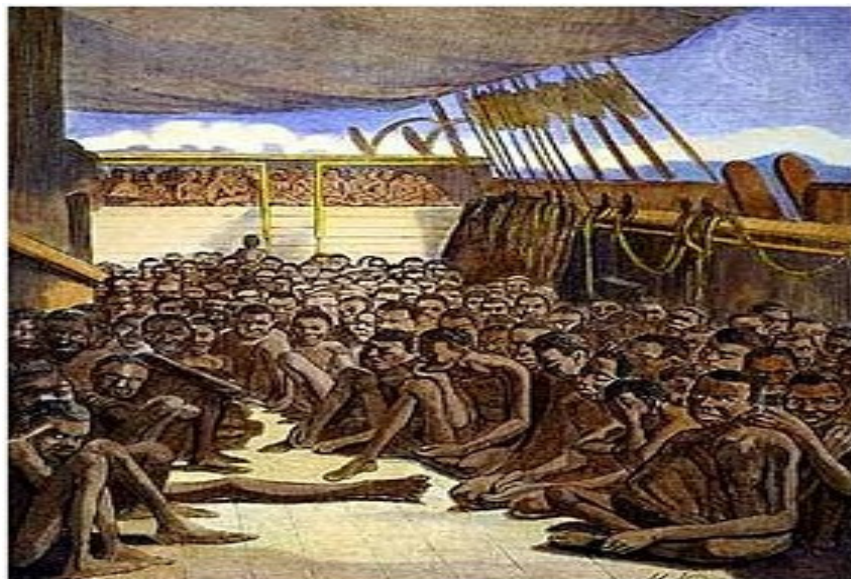




Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!
Que cena funeral!... Que téticas¹¹ figuras!
Que cena infame e vil!...
Meu Deus! meu Deus! Que horror!

4a.

Era um sonho dantesco¹²... O tombadilho
Que das luzernas¹³ avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar.



Tinir de ferros... estalar **do** açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas



Rega o sangue das mães:
Outras, moças... mas nuas, **espantadas**,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs.

E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
E da ronda fantástica **a serpente**
Faz doudas¹ espirais...



Se o velho arqueja... se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso **nos** **elos** de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!



Um de raiva delira, outro enlouquece...
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:



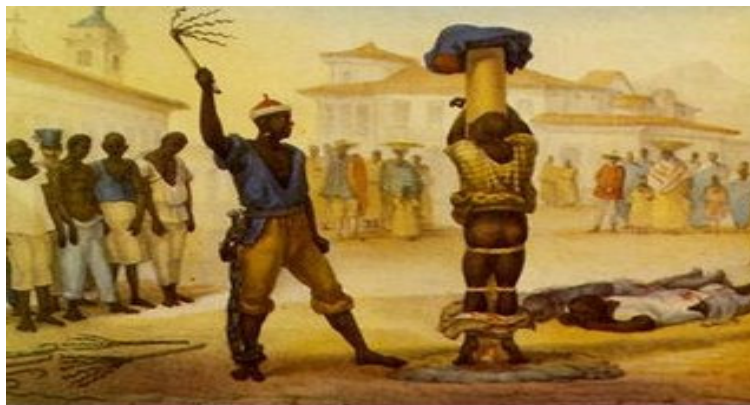
"Vibrai rijo o **chicote**, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da **roda** fantástica a serpente
Faz **doudas**¹ espirais!
Qual num sonho dantesco¹² as sombras voam...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

5^a



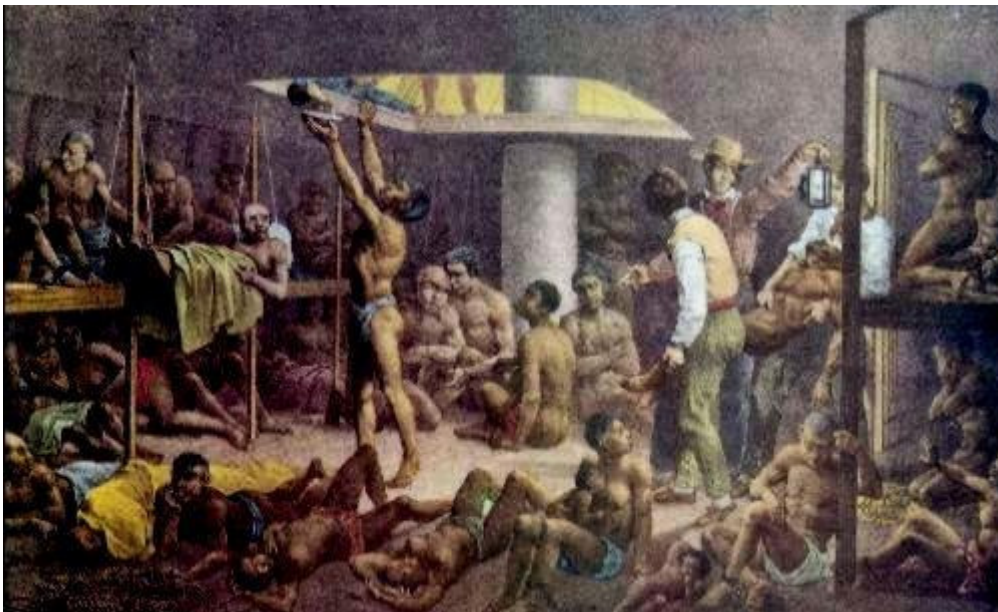
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus...



Ó mar! por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noite! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Quem são estes desgraçados,
Que **não encontram** em vós,
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são?... Se a estrela se cala,

Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!



São os filhos do deserto
Onde a terra esposa a luz.
Onde voa em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados,
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão...
Homens simples, fortes, bravos...
Hoje míseros escravos
Sem ar, sem luz, sem razão...

São mulheres desgraçadas
Como **Agar**¹³ o foi também,
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...

Trazendo com túbios¹³ passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel.
Como **Agar**¹⁴ sofrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Têm que dar para **Ismael**¹⁵...

13. **túbio** - sem força, sem vigor; fraco, frouxo, débil

14 **Agar** (bíblia) ou **Hagar**, serva egípcia de Sara, esposa de **Abraão** de acordo com o livro de Gênesis na Torá

15. **Ismael** - Os árabes são descendentes de **Ismael**, filho de Abraão. **Ismael** filho de uma mulher escrava (Gênesis 16:1-6). Os judeus são descendentes de **Isaque**, também filho de Abraão. **Isaque** sendo o filho prometido que herdaria as promessas feitas a Abraão (Gênesis 21:1-3), obviamente haveria alguma animosidade entre os dois filhos. Como resultado das provocações de Ismael contra Isaque (Gênesis 21:9), **Sara** disse para **Abraão** mandar embora **Agar e Ismael** (Gênesis 21:11-21). Isto causou no coração de Ismael ainda mais contenda contra Isaque. Um anjo profetizou a **Agar que Ismael** viveria em hostilidade contra todos os seus irmãos (Gênesis 16:11-12).

16. **Cisma** – separação de uma pessoa ou grupo de pessoas de uma coletividade, esp. religiosa

Lá nas **areias infindas**,
Das **palmeiras** no país,
Nasceram — crianças lindas,
Viveram — moças gentis...



Passa um dia a **caravana**
Quando a virgem na cabana
Cisma¹⁶ da noite nos véus...
...Adeus! ó choça do monte!...
...Adeus! palmeiras da fonte!...
...Adeus! amores... adeus!...

Depois o areal extenso...
Depois o oceano de pó...
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...



E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chagal sobre a areia
Acha um corpo que roer...

www.peacecorps.org



Trabalhadores de mina de diamantes em Serra Leoa

Ontem a **Serra Leoa**¹⁷,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormindo à toa
Sob as tendas d'amplidão...

Hoje... o **porão**¹⁸ negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o **baque**¹⁹ de um corpo ao mar...



Jonhann Moritz Rugendas, Três Homens Retiram um Escravo do Porão do Navio Negreiro, Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, 1833.

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cum'lo **de** maldade
Nem são livres p'ra... morrer...
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas rôscas da escravidão.
E assim **roubados** à morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoite... **Irrisão**²⁰!...

17 . **Serra Leoa**, hoje oficialmente **República da Serra Leoa**. Um país na África Ocidental.

18. **porão** - espaço de grandes dimensões, ger. estanque entre o duplo-fundo e a coberta superior, que nos navios mercantes serve para transporte de carga

19. **baque** - barulho de um corpo ao cair ou ao bater em outro

20. **irrisão** - ato de rir desdenhosamente; zombaria, escárnio, motejo

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus...

Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...



Astros! noite! **tempestades!**
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, **tufão!**...



6a.

E existe um povo que a **bandeira** empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e **cobardia**²¹!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de **bacante**²² fria!...



Os mercados de escravos sempre abarrotavam as ruas das grandes cidades.

Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?!...
Silêncio!... Musa! **chora, chora** tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto...



Merseyside Maritime Museum
A Liverpool Slave Ship, about 1780
William Jackson (active about 1770-1803)

NATIONAL MUSEUMS LIVERPOOL

21. **cobardia** – covardia

22. **bacante** - mulher licenciosa, depravada

Auriverde²³ **pendão**²⁴ de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte²⁵ que a luz do sol encerra,
E as promessas divinas da esperança...



Tu, que da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem **roto**²⁶ na batalha,
Que servires a um povo de **mortalha**²⁷!...

23. **auriverde** – que é amarelo e verde

24. **pendão** – bandeira – pequena bandeira

25. **estandarte** - insígnia de uma nação, corporação militar, religiosa ou civil, desportiva, etc.; bandeira

26. **roto** - que sofreu dano ou estrago; danificado, destruído, estragado

27. **mortalha** - pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada

28. **íris** - espectro luminoso produzido pela difração da luz branca

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o **brigue**¹ imundo
O trilho que **Colombo** abriu **na vaga**,
Como um **íris**²⁸ **no** pélagos⁵ profundo!...



...Mas é infâmia de mais... Da **etérea**²⁹ **plaga**⁹
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo...
Andrada³⁰! arranca este **pendão**²⁴ dos ares!
Colombo³¹! **fecha** a porta de teus mares.



Castro Alves - S. Paulo, 18 de abril de 1868.

29. **etérea** - concernente a, da natureza de ou próprio do éter

30. **José Bonifácio de Andrada e Silva**

31. **Cristóvão Colombo**

O NAVIO NEGREIRO - TRAGÉDIA NO MAR

Sinopse

Talvez o mais popular poema de Castro Alves. À maneira cinematográfica, o poema se abre com uma tomada panorâmica (" 'Stamos em pleno mar..."), aproxima-se do alvo na 3ª parte ("Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras!") e, numa espécie de *zoom*, focaliza o navio na 4ª parte. No segmento final, o discurso do poeta abandona o navio para dirigir-se à conscientização do Brasil, país opressor dos escravos africanos.

Glossário

Ardentias - fosforescência marítima

Arfar - ofegar

Virações - brisas

Brigue - navio a vela

Procela - tempestade marítima

Pélagos - mar profundo

Pávido - medroso

Gazas - variante de gazes

Leviatã - monstro da mitologia fenícia, simboliza força pagã inimiga do povo judeu

À bolina - com a proa na linha do vento

Mezena - último mastro, a ré, nos navios de quatro mastros

Tasso - Torquato Tasso (1544-1595), poeta italiano, autor de "Jerusalém Liberdade" (1580)

Nelson e de Aboukir - almirante inglês (1758-1805), derrotou Napoleão em Aboukir (1798)

Iônia - variante de jônia, grega antiga

Ulisses - herói da "Odisséia", de Homero, enfrentou inúmeros perigos antes de voltar ao lar, em Ítaca

Luzernas - clarões

Dantesco - que lembra o "Inferno", de Dante Alighiere (1265-1321)

Mosqueados - malhados

Agar - escrava e amante de Abraão, repudiada juntamente com o filho Ismael

Tíbios - fracos

Caravana - caravana para a captura de africanos que seriam vendidos como escravos

Serra Leoa - país da África Ocidental, descoberto pelos portugueses em 1642, e grande fornecedor de escravos para a Europa e Brasil

Coorte tropa

Impudente - desavergonhada

Etérea plaga - o céu

Andrada - José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), o patriarca da Independência do Brasil



José Bonifácio de Andrada e Silva
(* Santos, 1763 - + Niterói, 1838)

É conhecido pelo epíteto de "Patriarca da Independência".

Político brasileiro. Oriundo de uma família da aristocracia portuguesa, forma-se na Universidade de Coimbra em Filosofia Natural (1787) e em Leis (1788).

Especializa-se em Mineralogia e Minas e, ainda jovem (1789), assume funções importantes na Academia das Ciências de Lisboa, onde é admitido como sócio.

Entre 1790 e 1800, na sua qualidade de mineralogista, viaja por diversas cidades europeias por encargo do governo português.

Em 1801 ocupa na Universidade de Coimbra a cátedra de Mineralogia, e é depois nomeado intendente-geral das Minas e Metais do Reino.

Durante as invasões francesas combate o inimigo e atinge o posto de tenente-coronel.

Regressa ao Brasil em 1819.

Como um dos elementos de confiança de D. Pedro, apoia o movimento independentista.

Assim, é por este encarregado de organizar o primeiro ministério do novo Estado, fica a chefiar a política interna e externa do País.

Por dissidência com o imperador, é afastado dos seus cargos e parte para França (1823).

Regressa de novo ao Brasil em 1829, reconcilia-se com D. Pedro que, quando abdica (1831), o nomeia **tutor de seu filho, o futuro D. Pedro II**.

Em 1833 é destituído deste cargo pelo regente Diogo António Feijó.

José Bonifácio de Andrada e Silva abandona então a vida política e passa os seus derradeiros anos na ilha de Paquetá, na baía de Guanabara.

É tido como o **verdadeiro arquiteto da independência brasileira**, deixa publicado, além de alguns estudos mineralógicos, um volume de Poesias Avulsas (1825).

Fonte: http://www.vidaslusofonas.pt/jose_bonifacio_de_andrada_e_silv.htm



Cristóvão Colombo

(* República de Génova, 1451 — + Valladolid, 20 de Maio de 1506)

Foi um navegador e explorador europeu, responsável por liderar a frota que alcançou a **América em 12 de Outubro de 1492**, sob as ordens dos Reis Católicos de Espanha.

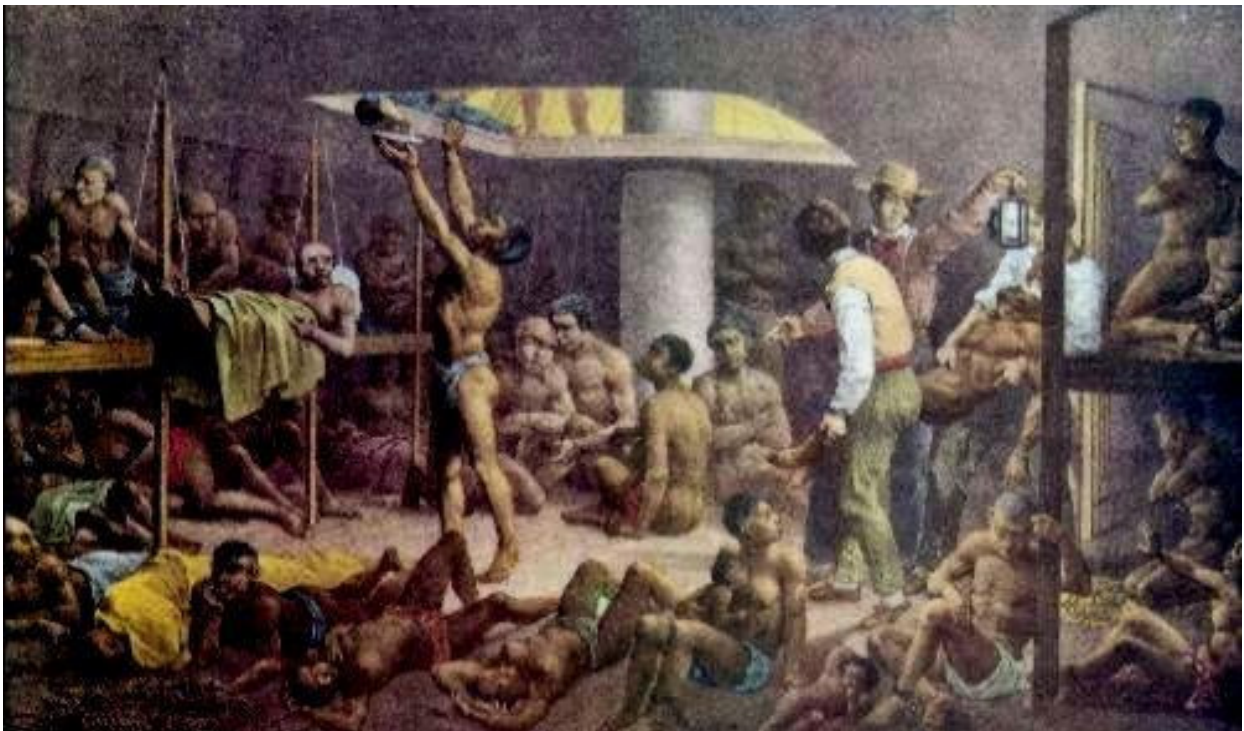
Empreendeu a sua viagem através do Oceano Atlântico com o objectivo de atingir a Índia, tendo na realidade descoberto as ilhas das Caraíbas (Antilhas) e, mais tarde, a costa do Golfo do México na América Central.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%B3v%C3%A3o_Colombo



Navio Negreiro – corte



Porão do Navio Negreiro

O Navio Negreiro

Nota- A presente gravação, declamada por Paulo Autran, apresenta estrofes esparsas da poesia.

Ouçã a declamação clicando no link abaixo:

http://www.outorga.com.br/musicas/Navio_Negreiro_Autran.mp3

Castro Alves

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:

**"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."**

**E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...**

V

**Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!**

**Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algóz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...**

**São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .**

**Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...**

**Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...**

**Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...**

VI

**Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...**

**Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,

Foste hasteado dos heróis na lança

Antes te houvessem roto na batalha,

Que servires a um povo de mortalha!...
Fatalidade atroz que a mente esmaga!

Extingue nesta hora o brigue imundo

O trilho que Colombo abriu nas vagas,

Como um íris no pélagos profundo!

Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! arranca esse pendão dos ares!

Colombo! fecha a porta dos teus mares!**

LITERATURA BRASILEIRA

Textos literários em meio eletrônico

***Espumas Flutuantes*, de Castro Alves**

Fonte: <http://www.cce.ufsc.br/~nupill/literatura/espumas.html>

ÍNDICE

[Prólogo](#)

[Dedicatória](#)

[O Livro e a América](#)

[Hebréia](#)

[Quem dá aos pobres, empresta a Deus.](#)

[O Laço de Fita](#)

[Ahasverus e o Gênio](#)

[Ao Dous de Julho](#)

[Os Três Amores](#)

[O Fantasma e a Canção](#)

[O Gondoleiro do Amor](#)

[*Sub Tegmine Fagi*](#)

[As Três Irmãs do Poeta](#)

[O Vôo do Gênio](#)

[O "Adeus" de Teresa](#)

[A Volta da Primavera](#)

[A Maciel Pinheiro](#)

[A Uma Taça Feita de Um Crânio Humano](#)

[Pedro Ivo](#)

[Oitavas a Napoleão](#)

[Boa Noite](#)

[Adormecida](#)

[Jesuítas](#)

[Poesia e Mendicidade](#)

[Hino ao Sono](#)

[No Álbum do Artista Luís C. Amoedo](#)

[Versos a Um Viajante](#)

[Onde Estás](#)

[A Boa Vista](#)

[A Uma Estrangeira](#)

[Perseverando](#)

[O Coração](#)

[Murmúrios da Tarde](#)

[Ode ao Dous de Julho](#)

[A Duas Flores](#)

[O Tonel das Danaides](#)

[A Luís](#)

[Dalila](#)

[As Duas Ilhas](#)

[Ao Ator Joaquim Augusto](#)

[Os Anjos da Meia Noite](#)

[O Hóspede](#)

[As Trevas](#)

[Aves da Arribação](#)

[Os Perfumes](#)

[Immensis Orbitus Anguis](#)

[A Uma Atriz](#)

[Canção do Boêmio](#)

[É Tarde](#)

[A Meu Irmão Guilherme de Castro Alves](#)

[Quando Eu Morrer](#)

[Uma Página de Escola Realista](#)

[Coup D'Étrier](#)